

**Lei da Selva, Borboletas e Lobisomens**  
— *Considerações Analíticas sobre a Obra de Hugo Studart* —  
**IV – Reflexões Finais**

Raul Sturari (\*)

Neste derradeiro artigo sobre os livros “A Lei da Selva”, de 2006, e “Borboletas e Lobisomens”, de 2018, enfatizo novamente o reconhecimento pelo detalhado trabalho de pesquisa sobre a Guerrilha do Araguaia, ocorrida na década de 1970. Contudo, não posso — e não devo — furtar-me ao salutar debate de ideias, onde demonstro algumas fragilidades e contesto algumas colocações que considero agressivas para com a verdade histórica, que deve ser buscada por todos os que se dedicam a estudar o passado e seus mais importantes episódios. Os demais artigos desta série podem ser acessados em <http://sagres.org.br/nossa-opiniao/>.

A meu ver, o autor mergulha intensamente na vida particular de cada guerrilheiro e nas idiosincrasias que dominaram as ações bélicas individuais ou de pequenos grupos. Mas praticamente se esquece de apresentar adequado exame das conjunturas mundial e latino-americana, prejudicando uma visão crítica mais abrangente por parte dos leitores.

Naquela quadra da História, a humanidade vivia o auge da Guerra Fria e a ameaça de um confronto nuclear que poderia exterminar a vida em todo o planeta. Nessa dicotomia, as opções resumiam-se em: submeter-se ao Movimento Comunista Internacional e suas várias ramificações, sob as destacadas lideranças da União Soviética e da China Comunista; ou alinhar-se com a corrente democrata, capitalista e liberal, cujas referências eram os Estados Unidos da América e as demais democracias ocidentais, como o Reino Unido e a Alemanha Ocidental. Praticamente nenhuma nação relevante conseguiu se manter isolada dessas alternativas.

Com exceção dos “esquerdopatas” brasileiros, todos os que conhecem um pouco da História e dos fatores que envolvem a conjuntura sociopolítica e econômica mundial reconhecem, nos dias de hoje, o retumbante fracasso do Movimento Comunista Internacional e de sua ideologia totalitária. Essa utopia sanguinária foi responsável por mais de cem milhões de mortos, ao longo do Século XX<sup>1</sup>. Mas o autor prefere encerrar o livro responsabilizando comandantes militares e líderes partidários “pela imolação daquele punhado de homens e de mulheres que sonhavam um sonho quando as esperanças eram grandes”<sup>2</sup>, num arroubo de poesia ideológica, como se os guerrilheiros comunistas quisessem realmente um país “justo e igualitário”. Nada mais falso.

Nessa conjuntura mundial, o contexto latino-americano é praticamente ignorado pelo historiador e jornalista Studart, nas citadas obras, dificultando qualquer comparação com episódios semelhantes ocorridos em outros países.

---

<sup>1</sup> COURTOIS, Stéphane et all. O Livro Negro do Comunismo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

<sup>2</sup> Livro “Borboletas e Lobisomens”, p. 501.

No Peru, por exemplo, surgiu em 1964 o Sendero Luminoso, como uma dissidência do Partido Comunista do Peru (PCP), sob orientação do professor Abimael Guzmán, conhecido por sua capacidade de engajar os alunos. Estima-se que esse movimento teve cerca de quinze mil guerrilheiros<sup>3</sup> e um grande número de membros em outras funções. De acordo com o CVR (Comissão da Verdade peruana), o grupo foi responsável pela morte de aproximadamente **30 mil pessoas**, entre militares, policiais, políticos e civis<sup>4</sup>. Feita uma relação proporcional entre vítimas e o total das populações, é possível afirmar que, no Brasil, um conflito dessa magnitude sacrificaria em torno de **190 mil pessoas**.

Outro exemplo importante é a Colômbia, onde os conflitos provocados pelas Forças Armadas Revolucionárias (FARC) resultaram em mais de **260 mil pessoas**, incluindo assassinatos, massacres e ataques terroristas<sup>5</sup>. Importante destacar que as FARC também têm suas origens em 1964 e sua funesta atuação se prolongou até 2016, com um Tratado de Paz. Todavia, no momento em que este artigo está sendo escrito, informações publicadas pela imprensa indicam que dois antigos líderes das FARC teriam buscado abrigo junto ao Exército de Libertação Nacional (ELN), em território venezuelano. Ou seja, o pesadelo continua. Em outra relação proporcional entre vítimas e o total das populações, é possível afirmar que, no Brasil, um conflito dessa natureza resultaria na morte de mais de **1,1 milhão de pessoas**.

Para não prolongar demais este artigo, apresento somente mais um exemplo: Cuba, sonhada e decantada pela esquerda brasileira. O período desde a vitória de Fidel Castro, em 1959, e os dias atuais contabiliza números assustadores. Segundo Armando Lago, autor de *The Black Book of Cuban Communism* (O Livro Negro do Comunismo Cubano, sem tradução brasileira), Fidel, Raul e Che Guevara são responsáveis diretos pela morte de pelo menos 8.190 pessoas, sendo 5.775 execuções por fuzilamento, 1.231 assassinatos extrajudiciais, 984 mortes na prisão e 200 pessoas desaparecidas. Ao longo das décadas de regime comunista, estima-se<sup>6</sup> que **78 mil cubanos** morreram tentando fugir do regime ou sendo capturados e fuzilados.

Por sua vez, em nosso país, o autor Studart informa que houve **59 terroristas** mortos ou desaparecidos, na Guerrilha do Araguaia<sup>7</sup>. Não se trata, de modo algum, de minimizar uma só morte, mas sim de dar ao conflito suas reais dimensões e, mais do que isso, entender o acerto das resolutas ações do Governo Federal, à época, impedindo que esse e outros movimentos se alastrassem. Com isso, o Regime Militar impediu que o Brasil se tornasse “uma grande Cuba” — que até hoje sofre com as agruras da ditadura comunista — e que nossa guerrilha viesse a ter magnitudes como a do Sendero Luminoso ou das FARC.

Finalizo com um pedido ao historiador Hugo Studart: que apresente as fontes sobre suas ilações a respeito das ideias de Antonio Gramsci. Dentre as várias

<sup>3</sup> Disponível em «[On The Rebound: Shining Path Factions Vie for Control of Upper Huallaga Valley | The Jamestown Foundation](http://www.jamestown.org)». [www.jamestown.org](http://www.jamestown.org). Consulta em dezembro de 2015.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.cverdad.org.pe/ingles/ifinal/conclusiones.php>. Consulta em junho de 2019.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/08/02/conflito-armado-deixou-mais-de-260-mil-mortos-na-colombia-diz-relatorio.ghtml>. Consulta em dezembro de 2018.

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2576>. Consulta em abril de 2019.

<sup>7</sup> Livro “Borboletas e Lobisomens”, p. 538.

passagens em que o tema é tangenciado, destaco: “Khushev passou a apontar o caminho pacífico para a tomada de poder pelas esquerdas, aderindo às teses de Antonio Gramsci”; “No início de 1958, o PCB ratifica a linha política pacífica ... A proposta de Gramsci era a linha oficial”; e “De acordo com Luís Mir, apesar da adoção do discurso oficial gramsciano de tomada do poder pela linha pacífica”<sup>8</sup>.

Até onde pude pesquisar, nos anos 1950 Gramsci era praticamente ignorado na União Soviética e suas teses em nada influenciaram Nikita Krushev e seus adeptos. Em solo pátrio, o minucioso trabalho de Lincoln Secco, “A pré-história de Gramsci no Brasil”<sup>9</sup>, nos informa que eram ainda totalmente inconsistentes os conhecimentos sobre esse comunista italiano até meados da década de 1970, quando já era finda a Guerrilha do Araguaia. A impressão que fica é que o autor associa, automaticamente, tudo que não é luta armada da esquerda com gramscismo. Equívoco bastante sensível, para um historiador.

Fico por aqui. Lamento se a crua sinceridade de minhas considerações magoou o autor. Mas nossas ideias, uma vez externadas, não mais nos pertencem com exclusividade e, por isso, são passíveis de críticas. Nesse campo — o das ideias — e somente nele, devem ficar restritos os nossos contenciosos.

*Julho de 2019.*

*(\*) Raul Sturari é Coronel da Reserva do Exército Brasileiro; bacharel em Ciências Militares; graduado em Administração; pós-graduado em Educação; doutor em Aplicações, Planejamento e Estudos Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; e doutor em Política e Estratégia Marítimas pela Escola de Guerra Naval.*

---

<sup>8</sup> Livro Borboletas e Lobisomens, p. 67 e 71.

<sup>9</sup> Disponível em:

[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos\\_de\\_comunicacao/NOR/NOR0032/NOR32PG16A28.PDF](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/NOR/NOR0032/NOR32PG16A28.PDF)